

08 e 09 de março de 2016
Universidade Federal do Espírito Santo
Conversa com o escritor
LIVRO PARADIDÁTICO COMO FORMA DE IMPLMENTAR A LEI 10.639/03
NO TEMPO /ESPAÇO ESCOLAR.
A OBRA POÉTICA AFRICANTA: SER NEGRO

Hudson Ribeiro¹

RESUMO

O presente trabalho trata-se de relato oriundo da repercussão de conversa do autor da obra AFRICANTA: SER NEGRO com o professor e escritor Eduardo Selga, que foi o interlocutor na II FLIBAV (Feira Literária Internacional Brasil e África de Vitória), realizada nos dias 08 e 09 de março do corrente na UFES (Universidade Federal do Espírito Santo), acerca da pertinência da mencionada obra poética ser utilizada como livro paradidático, com o objetivo de contribuir com os ditames de implementação da Lei 10.639/03. Em fase desse dialogo, teve-se a oportunidade de traçar o trajeto itinerário literário iniciado pelo autor, em 1981, com o livreto em versão mimeografada:

MOMENTO EXATO: COMO O CASO FOI E FICOU NA MENTE DO CONTADOR, o livro de ensaios filosófico-literários em coautoria com Vitor Cei Santos *IDEIAS COM PERNAS* (2004), o livro de contos *LUCIDEZ RENITENTE* (2013), o livro de micronarrativas *CEM RELATOS, CEM PALAVRAS* (2015), até culminar com o *AFRICANTA: SER NEGRO* (2015). Nesse momento, anunciou-se a finalização do primeiro romance, *KILOMBO ASÉ*. Os pressupostos teóricos do presente artigo são as epistemologias progressistas embasadas na metodologia dialética, que defendem a escola cidadã, no tempo/espaço escolar.

PALAVRAS-CHAVE:

Lei 10.639/03, epistemologias progressistas, racismo no, livro paradidático, escola cidadã, tempo/espaço escolar.

¹ Mestrando Profissional em Ensino de Humanidades pelo IFES
Professor efetivo da rede estadual de ensino capixaba
hudsribeiro@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

“Ah, se na infância me tivessem contado assim, de forma tão poeticamente bela, a história do meu povo!... Teria tido mais garra, força e afirmação; teria sido invadida por uma contundente alegria de existir, de Ser Negro, nesse país de tantas desigualdades, desconsideração e negação do povo negro!”. Sandra Leandro, pedagoga e militante do movimento negro capixaba – apresentação do AFRICANTA: SER NEGRO.

1.1. DERRUBANDO FACHADAS: “NEGRO QUANDO NÃO É DOIDO, É BESTA”.

O sustentáculo que rege o modo de ser de uma sociedade, quando não expressado corretamente, através das categorias filosóficas cobra-se um esforço maior, no sentido de captar tais ideias diluídas, mas não menos basilares, nas piadinhas, nos ditos jocosos e nos falatórios, aparentemente inofensivos.

O antes citado, exemplifica excelentemente como se dão as relações interraciais no Brasil, muito longe da falácia da democracia racial brasileira. O dito almeja é limitar a expressão do negro a essas duas possibilidades.

Ou se é “negro doido”, ou seja, há aqui a menção àquele negro brasileiro (infelizmente) ainda em grande número, que aprisionado pela carência de condições materiais e na ilusão de participar das vantagens apregoadas pelo embranquecimento, abandona as raízes culturais e a forma que passa a exibir, não pode deixar de ser caricata; é evidente que estar se falando do famigerado “negro de alma branca”.

Ou se é “negro besta”; besta no ditado, refere-se àquele negro que, através da consciência alcançada, sente e exhibe o orgulho por assumir a matriz étnica afrodescendente, advindo daí uma postura liberta dos ditames ocidentais e racistas; é quando o negro brasileiro traz a resposta na ponta da língua, afiada pela consciência:” neguinho é cachorro de madame” e (ou) “negão é o seu passado!”; “EU SOU É NEGRO!”. É quando o negro consciente assume a sua

negritude refletida em seus saberes, seus sabores, seus amores, seus odores e suas dores.

“Negro quando não é doido é besta”. É esse embasamento ideológico, sobre o qual, se perfazem as relações inter-raciais no Brasil, mas como tudo é dito na forma de chistes fica sempre o dito pelo não dito, “foi mal aí...”, mesmo que em sua prática discriminatória vá construindo o imaginário de toda uma nação quanto ao papel que o negro deve desempenhar na sociedade brasileira; condenado à sandice ou à soberba.

Exemplos dessa funesta prática racista não faltam no contexto social, desde a presença maciça na mídia de apresentadores (as) não negros, principalmente em programas direcionados ao público infantil, época propícia para se cristalizar o imaginário do ser humano, em uma tentativa ridícula de fazer parecer que vivemos em um mundo nórdico, até alguns posicionamentos de pessoas, pretensamente esclarecidas, que utilizam verdadeiros malabarismos silogísticos, para dissimular o problema da relação inter-racial no Brasil.

Em março de 2003, foi aprovada a Lei Federal nº 10.639/03, que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira nas escolas de Ensino Fundamental e Médio. Após mais de uma década da sua aprovação, ainda vivemos um enorme hiato entre o pretendido pela Lei e o vivenciado no tempo/espço escolar.

O que engendrou a obra *AFRICANTA: Ser Negro* foi à concordância com a constatação tão óbvia e, contraditoriamente, tão despercebida de que:

“a preocupação com a situação do negro brasileiro assume uma importância ainda maior se comparada a outras nações, pois aqui esta herança da África está mais presente, porém menos valorizada. Essa desvalorização é uma característica facilmente constatada, pois basta olhar a sociedade através de lentes críticas que as discrepâncias sociais saltam aos olhos, sendo que os mais necessitados no Brasil, muitas vezes, descendem da herança africana, sendo também os mais vulneráveis aos ataques racistas de várias naturezas, como por

exemplo, a situação financeira, profissional, familiar e outras”.
(GUEDES, e ANDRADE 2013, pág.442).

No livro o poeta capixaba se refere a essa situação de marginalização desse modo:

SELVA ESQUISITA

Triste quadro de se ver /Manos e manas maltrapilhos/Vivendo fora dos trilhos/Como maneira de sobreviver/Nessa selva esquisita/Muita sobra de comida/Muitas mesas despossuídas/De um pão para comer/Triste quadro de se ver/Meninas negras vendidas/Como se fossem carnes apodrecidas/Sob uma vida vivida/Deformada pelo opressor/Triste quadro de se ver/Ruas assombrosamente povoadas/Por pessoas negras esqueléticas/Com expressões esfomeadas/De tudo que a vida/Tem a oferecer. (RIBEIRO, 2015, p.60)

Diante do exposto, têm-se como objetivo principal desse artigo apresentar o livro AFRICANTA: SER NEGRO do poeta capixaba, Hudson Ribeiro, como material paradidático indicado, para todas as séries e modalidades educativas, contribuindo com os educadores que se empenham em plenificar as diretrizes da Lei 10.639/03, que em seu artigo 26 determina: “Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira”.

Portanto, introduzir no currículo escolar o estudo do livro AFRICANTA: SER NEGRO, como apoio paradidático, torna-se de bom alvitre a contribuir na tarefa de conformar o instrumental didático utilizado pelos professores, no sentido de propiciar uma prática educativa, que privilegie a inserção da história dos negros brasileiros nos objetivos e conteúdos estudados, o que em muito contribuirá para a formação de uma escola cidadã. Conforme bem o diz Albuquerque:

“Em geral, a escola prefere não assumir este debate porque implica conhecimentos e abordagens teóricas e curriculares para os quais os/as docentes não se veem preparados e também por não reconhecer a existência do racismo que se desenvolve silenciosamente pelos espaços escolares. Enfrentá-lo é admitir a sua existência. As situações estão acontecendo na dinâmica cotidiana da escola a todo o momento, mas não tem sido alvo de reflexões e de ações por parte das escolas, nem por parte do sistema que é

responsável, também, por oportunizar esta discussão”.
(ALBUQUERQUE, 2003, p.97).

2. ITINERÁRIO LITERÁRIO

É fato de que o autor ao haver aprendido a ler e a escrever aos quatro anos de idade, acrescentado de uma curiosidade e admiração que causara (e ainda causam) as coisas, os fatos e as pessoas do mundo, fez com que se transformasse em um leitor voraz, ao ponto de enfrentar a adolescência e as crises existenciais com leitura de até três livros por semana.

Como todo sedento por leitura, o autor fora tentado a escrever, em 1981, incentivado pela professora Sonia Bunjes, publicou na Feira de Ciência do Colégio Americano Batista de Vitória o livreto, em versão mimeografada, *Momento Exato: Como o Caso Foi e Ficou na Mente do Contador*, uma coletânea de doze poemas, onde o Eu lírico se expressa no seu desassossego, diante do quadro político que então vivia o país, sob a égide da abertura lenta, gradual e segura.

Em 2004, juntamente com hoje doutor em literatura comparada e professor, Vitor Cei Santos, publicou-se pela editora Flor&Cultura o livro de ensaios filosófico-literários, intitulado, *Ideias com Pernas*, título em homenagem a uma fala do Machado de Assis no livro *Dom Casmurro*, “*Ideia só! Ideia sem pernas! As outras pernas não queriam correr nem andar*”, refletindo a preocupação em filosofar, a partir da realidade brasileira.

Em 2013, pela editora Multifoco (RJ), publicou-se o livro de contos, *Lucidez Renitente*, o título faz referência à geração que havia sido incendiária no final dos anos setenta e, agora, se exibia como fleumática bombeira, roendo um osso maior, sentada ao lado do rei e nem se percebendo disso. Nos contos procura-se estabelecer um diálogo entre a filosofia e a literatura, emblematizado no conto *Desencontro Encontrado*, onde os personagens o poeta Áfrico e a filósofa Bertha traduzem o milenar confronto entre a rigurosidade filosófica e a licenciosidade poética.

Em 2015, pela Amazon, publicou-se o livro de micro narrativas, *Cem Relatos, Cem Palavras*, composto de cem relatos, cada um contando com exatas cem palavras. Trata-se de uma experiência linguística, onde fatos e personagens do cotidiano ganham vida, sempre na perspectiva do contraditório à ordem estabelecida:

Destaque para o micro conto “Sequelas” pela brutal atualidade, neste tempo de onda de extremismo fascista:

Eusébio Palieno sempre foi uma cabeça atrás de alguma ideia, não conseguia viver sem ostentar algum tipo de ideologia, seja qual fosse o seu conteúdo, costumava dizer que sem ideologia o homem vaga sem alma, para evitar maiores trabalhos o Eusébio sempre abraçava fervorosamente à ideologia da moda, caminho mais curto para quem era atarefado como ele, um especialista em comunicação virtual, não tinha tempo para estudar todos aqueles ismos e istas, atualmente participava do grupo que propagava o retorno à ditadura militar e apenas os familiares mais íntimos sabiam que ele havia caído do tanque quando bebê. Sequelas indeléveis... (RIBEIRO 2015, p. 23)

Simultaneamente, foi publicado o livro, motivo do presente artigo, *AFRICANTA: SER NEGRO* em edição do autor, com fundos arrecadados em uma campanha junto aos amigos, que se transformou em venda antecipada.

O título AFRICANTA encontra-se presente na vida do autor desde o início da década de noventa, sempre que entremeava leitura ou ouvia a palavra África, pulsava na imaginação a ausência de um complemento, até que em uma conversa com o carnavalesco Carlito Carlos o título surgiu, como uma erupção súbita: AFRICANTA.

AFRICANTA é um anúncio auspicioso que contém uma denúncia que suprassume-se, posto que a África sofre, chora, se esperneia, agoniza em consequência do jugo cruel imposto pelo sistema econômico, que em sua ambição desenfreada por lucros, execra a pessoa humana, principalmente, as de pele preta, em uma dinâmica de lógica perversa e abjeta, excludente social e acima de tudo racista.

A pele, o cabelo, o nariz, os lábios, tudo isso afronta de maneira impactante o modo de ser da civilização ocidental, em sua ilusão de ser a portadora única de civilidade.

AFRICANTA! Pois o canto para a matriz africana é a expressão mais vigorosa do modo de ser. Utiliza-se o canto para convocar as forças dos ancestrais. Cantam-se músicas para agradecer a terra os seus frutos; canta-se quando choram os mortos; canta-se quando é celebrada uma vitória e, para os africanos, a dança é conjugada com o canto, harmonizados como o arco retesado e a flecha certa.

Cantar e dançar, eis a forma do povo africano se relacionar com o mundo, tanto o visível como o invisível, para a fúria dos guardiões da civilização ocidental, pois a gargalhada de fazer-se contorcer o corpo e trazer lágrimas exultantes aos olhos apontam certamente para outras possibilidades de consumir a existência.

AFRICANTA encontra-se em todos os cantos e poros do mundo: Jazz, Blues, Soul, Samba, Reagge, Rumba... Todo e qualquer som, que tenha a marcação da batida do coração emocionado, é a África entoando a canção da matriz milenar.

E o título AFRICANTA entremeou-se nos pensamentos do autor durante algum tempo, como a semente do Baobá sendo maturada pelas entranhas férteis da terra de África. Mas, somente em 2014, ao reencontrar-se com o coreógrafo, bailarino e pesquisador da cultura Afro-Brasileira, Paulo Fernandes, nasceu da conjugação de ideias o complemento ao título do livro : Ser Negro!

Em relação ao complemento do título, o autor sempre quando convocado a falar em eventos de lançamentos e feiras literárias, ressalta a atenção para a duplicidade da palavra “ser”, que tanto pode ser substantivo, como também, verbo.

De modo que AFRICANTA: Ser Negro, referindo-se ao ser humano de pele preta e descendente da matriz africana. E AFRICANTA: Ser Negro, no sentido do ser humano, independentemente da cor da pele e de sua matriz ancestral, assume a negritude como “filosofia” de vida, ao transitar pelas vias da existência como quem navega a terceira margem do rio, pleno do sentimento que os africanos denominam Ubuntu.

Essa duplicidade da palavra “ser” disposta como feita no título da obra instaura uma situação inusitada, pois aponta para a possibilidade de existir o ser humano de pele preta, que não seja negro, do mesmo modo, que pode existir o ser humano de pele não preta, que seja negro (!!!).

AFRICANTA: Ser Negro! Título sintético, mas que traz em seu bojo possibilidades múltipla de aprofundamentos reflexivos. Em comum a questão do assumir a identidade africana em um mundo globalizado, onde a ideia do embranquecimento é tão insidiosamente propagada, que poucos questionam acerca de outras maneiras de vivências.

3. A LEI 10.639/03 E OS PERCALÇOS PARA A SUA EFETIVA APLICAÇÃO

A escrita do livro prende-se a questões observadas pelo autor, enquanto poeta, contista, romancista, filósofo, Especialista em Educação Comunitária e Mestrando profissional em Ensino de Humanidades pelo IFES (sob as orientações dos professores Dra. Mariluz Sartori Deorce e Dr. Sidnei Quezada Meireles Leite), professor de escola pública e defensor de uma escola cidadã, quanto a uma proposta progressista contida na Lei 10.639/03, que pode essa correr o risco de ficar estagnada, de forma bastante palpável, tornando-se apenas num fazer sem intencionalidade política, posto que se perfaça como um fazer inconsciente dos pressupostos epistemológicos progressista.

Academicamente, a proposta do uso do livro AFRICANTA, no espaço/tempo escolar, se estende e se aprofunda na temática tão vívida no momento político

presente, que se traduz na indagação, do como transformar a diretriz da Lei 10.639/03 em prática plenamente efetiva?

“O Brasil, país multi-étnico e pluricultural, [...] em que todos se vejam incluídos, em que lhes seja garantido o direito de aprender a de ampliar conhecimentos, sem ser obrigados a negar a si mesmos, ao grupo étnico/racial a que pertencem e a adotar costumes, ideias e comportamentos que lhe são adversos”. (BRASIL, 2004, p. 18)

Quando se fala em inclusão, o problema encontrado é justamente como conviver com a alteridade, qual o papel desempenhado pelo outro, enquanto outro, nas relações que se pretendem livres e libertárias? Uma diretriz de conduta nos aponta que:

“A escola não deve apenas transmitir conhecimentos, mas preocupar-se com a formação global dos alunos, numa visão em que o conhecer e o intervir no real se encontrem. Mas, para isso, é preciso saber trabalhar com as diferenças: é preciso reconhecê-las, não camuflá-las. Aceitando que, para conhecer a si mesmo, preciso conhecer o outro”. (MEC-Construindo a Escola Cidadã, p. 79, 1998).

E quando se fala em relacionamento democrático, alguns aspectos se sobressaem pela urgência social, em consequência de serem tratados de forma tão desleixada no Brasil, o que acaba por refletir no tempo/espaço escolar. Dentre esses aspectos, destaca-se a raça/etnia devido às incontestáveis mazelas, que a tão famigerada democracia racial brasileira encobre tão habilmente e que se o educador não estiver preocupado com essa questão acabará por cometer racismo, muitas vezes na forma pretensamente ingênua e corrosiva de zombaria.

4. A REPERCUSSÃO DO AFRICANTA: SER NEGRO

4.1. Poema declamado por Mirt's Santos (advogada e militante do coletivo Negrada) na II FLBAV:

Ê PARRÊ!

És tu a guerreira destemida/Gerada no ventre do vento mais devastador/O mesmo que sacode todos os alicerces/Tidos como inabaláveis do branco opressor/És tu que ergues a espada/E não titubeias na hora do corte/Como gota de orvalho acertando em cheio a flor/És tu que danças majestosa/Como a mais bela rainha africana/E o solo até estremece ao sentir o seu corpo bailando/Na mais sagrada das preces/Conjugando os elementais/Constituintes do universo/És tu que fazes crer/Na possibilidade alardeada como impossível/Enxergar na bola de vidro/Todo o jogo do tabuleiro/E nos sentir inteiros/Enquanto hiatos de nós sussurram eloquentes: Ê parrê! (RIBEIRO 2015, p. 92)

4.2. E o poema declamado por mim no mesmo evento:

NUNCA NOS ENSINAM

Na escola nos ensinam/Que o Egito e suas glórias/É uma dádiva do Nilo/E o cinema americano/Fez Cleópatra Elizabeth Taylor/O que nunca nos ensinam/É que o Nilo é glória da África/E todas as maravilhas preservadas/São obras da nossa raça/Antes mesmo do invasor/Se constituir em povo/E temperar as comidas/E tomar banho todos os dias/Nosso povo já reinava/Ornamentado de ouro e prata/Sem qualquer ostentação/Para nós vale mesmo/O exposto na pele/O que a boca expele/É a voz do coração. (RIBEIRO 20015, p. 49)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, introduzir no currículo escolar o estudo do livro AFRICANTA: SER NEGRO, como apoio paradidático, torna-se de bom alvitre, para contribuir na tarefa de conformar o instrumental didático utilizado pelos professores, no sentido de propiciar uma prática educativa que privilegie a inserção da história dos negros brasileiros, nos objetivos e conteúdos estudados.

Por outro lado, ao adotar-se a obra poética do capixaba Hudson Ribeiro estará disponibilizando-se importante material de reflexão e uma proposta de ação, não apenas para ser utilizado pelos educadores, mas estará sendo fomentado no imaginário dos educandos o prazer pela leitura reflexiva, mediante poesias engendradas por um representante do povo negro, o que em muito contribuirá para a formação de uma escola cidadã.

Por fim, para os professores e professoras que tratam a questão do racismo no Brasil como problema de somenos, segue o convite do autor de AFRICANTA: Ser Negro:

VISTA A NOSSA PELE, PROFESSORA.

Vem cordata professora/E vista a nossa pele/E sentirá então/O quanto nos repelem/Por sermos filhos da noite/Forjados nos açoites/E conhecer os segredos/Das sombras da escuridão/Vem serena professora/E vista o nosso corpo/Indeleavelmente tatuado/Da maneira mais cruel/Sentirá então nossos músculos/Como arco retesado/Pronto para cumprir a ação/Vem amorosa professora/E vista o nosso coração/Bem maior do que seu céu/Balançando como barca/Amainando mar revolto/Sentirá então professora/O quanto amamos/Que até nos agigantamos/De tanto querer o bem/Vem furiosa professora/E vista a nossa secular ira/Talvez você mesma não possa/Possuir a raiva nossa/Gerada nas sinistras senzalas/E perpetuadas/Nas planificadas favelas.
(RIBEIRO 2015, p.76)

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Janeslei Aparecida. **O racismo silencioso em escolas públicas de Curitiba: imaginário, poder e exclusão social**. Curitiba, 2003. Dissertação de Mestrado em Educação, UFPR.
- BRASIL. **Lei n 10.639 de 09 de janeiro de 2003**. Inclui a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” no currículo oficial da rede de ensino. Diário Oficial da União, Brasília, 2003.
- BRASIL. **Marcos Legais da Educação Nacional**. Brasília, DF: Ministério da Educação. 2007.
- GUEDES. E; NUNES. P; ANDRADE. Tatiane de. : **O uso da lei 10.639/03 em sala de aula**. Revista Latino-Americana de História. Vol.2, nº 6- Agosto de 2013- Edição Especial.
- MEC – SECRETARIA DE EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA: **Construindo a Escola Cidadã**. Brasília, 1998.
- RIBEIRO, Hudson: **AFRICANTA: SER NEGRO**. Ed. Do Autor, Vitória, 2015.-----
CEM RELATOS, CEM PALAVRAS. Amazon. 2015.

_____ **LUCIDEZ RENITENTE**. Ed. Multifoco, RJ, 2013.

_____ **MOMENTO EXATO: COMO O CASO FOI E FICOU NA MENTE DO CONTADOR**, versão mimeografada, Vitória, 1981.

KILOMBO ASÉ, inédito.

RIBEIRO. H e SANTOS Vitor C.: **IDEIAS COM PERNAS**. Ed. Flor&Cultura, Vitória, 2004.

TINOCO, Alcione Nascimento e SILVA, Giselle Alves: **PROGRAMA ESCOLA ABERTA**, MEC, BRASÍLIA. 2007.